



“O Rio da Vida”: a tessitura social, espiritual e mística na produção de identidades na alegoria do Rio de Coralina

“River of Life”: social and Mystic Texture in the Construction of Identities in the Allegory of Coralina's River

Marta Bonach Gomes¹

Resumo: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, natural de Goiás, ficou conhecida como Cora Coralina, devido a sua obra repleta de lembranças. Mesmo tendo iniciado sua carreira de escritora tardiamente, ela deixou sua marca na história do Brasil como uma poetisa popular. Dessa forma, alcançou o reconhecimento como uma das mais importantes representantes da Literatura Brasileira. O presente estudo sobre o breve conto coralino “O Rio da Vida”, revela novos aspectos da interação entre arte e religião, uma temática profundamente humana que desafia o/a artista a responder de maneira criativa e demonstrando sua espiritualidade. É um conto para nos fazer refletir sobre o presente e o futuro, numa comunhão telúrica e cósmica. Objetiva, pois, a mística, a força e o apelo maternal universal no poder de recriar, uma experiência vivida de sua unitária obra poética. A expressão artística é, portanto, considerada uma prática espiritual, de acordo com Cora (2014). Nesse contexto, encontramos Cora Coralina, uma artista de Goiás que, soube interpretar a cultura e o mundo ao seu redor e transformá-los em poesia. Seus escritos emitem um senso de espiritualidade, independentemente da religião, o que a torna uma mística autêntica de nossa era.

Palavras-chave: Cora Coralina. Mística. Linguagem Poética. Resistência.

Abstract: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, born in Goiás, became known as Cora Coralina because of her work full of memories. Even though she started her writing career late, she left her mark on Brazilian history as popular poet. In this way, she achieved recognition as one of the most important representatives of Brazilian Literature. This study on the brief Coralina tale "River of Life" reveals new aspects of the interaction between art and religion, a profoundly human theme that challenges the artist to respond creatively, demonstrating their spirituality. It is a tale that prompts reflection on the present and future in a terrestrial and cosmic communion. Its objective is the mysticism, strength, and universal maternal appeal in the power to recreate a lived experience from her singular poetic work. Artistic expression, therefore, is also a spiritual practice. In this context, we encounter Cora Coralina, an artist from Goiás who adeptly interpreted the culture and world around her, transforming them into poetry. Her

¹ Doutoranda pela Pontifícia Católica de Goiás. Professora na SEDUCE-Goiás. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás, Mestra em Letras (PUC-Goiás). Email: marthabonach@gmail.com.



writings emit a sense of spirituality, irrespective of religion, making her an authentic mystic of our era.

Keywords: Cora Coralina, Mysticism, Poetic Language, Resistance.

Introdução

“Escorrendo todas as águas amargas, águas de cinza e sal da longa travessia, um dia me encontrei na margem e a carga me desceu dos ombros.” Cora Coralina, 1976, p.75

Um dia, meu barco foi lançado nesse rio-mar da vida. Eu era jovem e o meu barco, inseguro. Vivi longo tempo calafetando o barco que fazia água. Defendi com denodo o pequeno e pobre barco, vigilante da carga que levava. Num dia de morte meu barco se abriu e me achei sozinha, bracejando na tormenta e a carga sobre mim. Cora Coralina, 1976, p.74

“Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro, no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações. Apocalipse 22, 1-2

A literatura, ao longo da sua história, desempenha um papel fundamental na reflexão e representação das diferentes dimensões da vida humana. Nas narrativas literárias ocidentais, a concepção de natureza tem sido associada à questão do pertencimento. As indagações concernentes ao local de origem desdobram-se em outras exigências para a análise literária (Coralina, 2014). A leitura realizada aqui é direcionada por uma ótica específica do conto “O Rio da Vida”.

Para nós, o ponto de destaque inicial na visão espiritual-mística presente na obra, tem base no contexto cultural e emocional em que as relações se formaram desde cedo para a futura autora. Originária e crescida no interior de Goiás, durante um período de grande fervor religioso, a influência do catolicismo marcou profundamente a visão de mundo de Cora, como se evidencia nas diversas passagens de sua poesia, assim como nos eventos descritos sob a forma de conto.

A presença de figuras institucionais, como padres e freiras, a configuração do cenário ideal, sempre com destaque para as igrejas, suas torres e sinos, como sons predominantes em meio ao silêncio da pacata cidade; a interrupção das rotinas diárias



pela passagem das procissões, dos funerais, pela animação das festas, em alguma data festiva de preceito. Esta é, em resumo, a atmosfera que não só influencia a perspicácia da escritora, mas também molda sua essência, impregnada de espiritualidade religiosa, sob a influência característica do catolicismo – em um equilíbrio entre suas duas vertentes principais: a oficial e a popular (Coralina, 2014).

A autora, nascida em Goiás no ano de 1889, Cora Coralina iniciou sua carreira literária aos 14 anos, porém, apenas em 1965 teve seu primeiro livro publicado: “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”. Foi somente em 1980, que sua obra ganhou destaque nacional, após o poeta Carlos Drummond de Andrade se encantar com suas poesias. Descendente do magistrado Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto e de Jacinta Luiza do Couto Brandão, Cora Coralina, cujo pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, veio ao mundo na Cidade de Goiás em 20 de agosto de 1889.

Contraiu matrimônio em 1910 com um advogado 22 anos mais velho, com quem teve quatro filhos, residindo em São Paulo de 1911 a 1956. Seu falecimento ocorreu em Goiânia, no dia 10 de abril de 1985. Retornando a Goiás após ficar viúva, Cora Coralina não apenas escrevia, mas também produzia doces para comercializar. Seu debut literário ocorreu em 1965, aos 75 anos. No entanto, sua verdadeira aclamação apenas chegou aos 91 anos, quando o renomado poeta Carlos Drummond de Andrade dedicou um artigo em sua homenagem no *Jornal do Brasil*, em 1980.

E, por coincidência ou ironia, eis que ela conclui uma de suas obras literárias “Poema dos becos de Goiás e estórias mais” seu primeiro livro, “Senhor, eu sou aquele doente, paralítico de meus erros e clamo pela Vossa voz: levanta, lava-te de tuas culpas, vai e mostra-te aos juízes” (Coralina, 2014, p. 236).

Observa-se a seleção do poema examinado neste artigo, inicialmente, referente ao local, abrangendo o ponto de expressão e arquivo; em seguida, relacionada ao espaço, envolvendo sua produção interna e a interação com o mesmo e por último, não menos importante, o senso de espiritualidade da autora com seus textos que exalam uma autêntica mística do tempo atual. Em especial, a produção poética de Cora Coralina, uma figura emblemática na literatura goiana, concentra-se na obra/vida da mulher que vivenciou bem de perto os mandos e desmandos de coronéis, sob o jugo do sistema



patriarcal e conseguiu recriar o seu mundo por meio de uma linguagem ética e socialmente empoderada.

Essa discussão alimenta o longo processo de transformações da sociedade, desafiando as convenções e aumentando os espaços de vocalização para que as vozes silenciadas das mulheres pudessem ecoar. Neste processo, será destacado os principais temas explorados por Cora, ressaltando exceções notáveis e concluindo com a defesa de um ponto de vista, sobre o poder da sua linguagem poética. Para que a linguagem alcance o *status* de arte, é fundamental que ela sofra transformações capazes de elevar o seu patamar, transcendendo o mero aspecto físico e adentrando uma esfera metafísica.

Nesse domínio, as palavras proferidas num discurso poético, adquirem inúmeras nuances, impossíveis de serem alcançadas quando o verbo se restringe à mera revelação do ente. Essa é uma característica marcante do estilo da poetisa, embasado numa visão filosófica da linguagem, é preciso, além disso, sempre lembrar da diversidade temática trazida à baila pela obra de Cora Coralina, o seu legado é extenso.

Eis o que enseja a construção, de modo que, com base em Cora Coralina na sua obra, o microcosmo que ora cria, expõe e esconde os espantos, as dores, como assevera a literata na voz poética, “escorrendo todas as águas amargas, águas de cinza e sal da longa travessia, um dia me encontrei na margem e a carga me desceu dos ombros” (Coralina, 1976, p. 75).

O “Rio da Vida” é um conceito espiritual e místico, frequentemente, encontrado em textos religiosos e filosóficos. No contexto cristão, por exemplo, o “Rio da Vida” é mencionado no livro do Apocalipse na Bíblia, onde é descrito como um rio de água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. Este rio é mais do que um mero elemento da paisagem celestial; ele é uma expressão poderosa do propósito redentor de Deus e do seu constante fluxo de graça e misericórdia.

Primeiramente, a espiritualidade tem sua origem no espírito, segundo o latim *spiritus* ou o grego *voûç* (noûs), ambos destacando o aspecto metafísico da natureza humana, ou seja, um ser vivo com um corpo e também uma alma espiritual, a essência que anima e transcende a materialidade (Ales Bello, 2018). O termo grego *voûç* (noûs), portanto, refere-se ao espírito de vitalidade que, especialmente no caso do ser humano, se mostra como habilidade criativa, como capacidade de superação de si, seguindo o



limiar de um conceito que tem nos chamado a atenção há muito tempo (Martins Filho; Ales Bello, 2021).

Concordando com esse pensamento, a espiritualidade pode ser vista como o cultivo ou o aprimoramento da dimensão espiritual. Afirmar que o ser humano é um ser espiritual implica reconhecer a capacidade de atribuir significados para além da simples questão de sobrevivência; significa quebrar o ciclo monótono da natureza por meio da criação de um campo de experiências, constantemente interpretadas e reinterpretadas. Isso implica, enfim, o constante movimento em direção ao além de si, diferente da simples busca pela satisfação das necessidades como os outros seres vivos, ou seja, a construção da “atmosfera” ideal para o florescimento desse estilo de vida único, a vida humana, com o seu infinito potencial.

Segundo o enfoque proposto, a mística consiste na prática do místico: alguém que reconhece a impossibilidade de expressar em palavras exatas suas experiências. Em outras palavras, a mística pode ser considerada como uma postura espiritual voltada para a busca de união com o Absoluto. Enquanto, o teólogo elabora interpretações, atuando como intérprete do sagrado, o místico se entrega a vivenciá-lo em todos os aspectos de sua vida.

Ao analisarmos o caso específico de Cora Coralina, construiremos uma análise interpretativa sobre um conjunto de experiências que, embora sejam comunicadas por meio da escrita, guardam em seu cerne o mistério da existência que permeou a vida da autora. A poesia, desse modo, comunica de forma sutil; oferece um significado que se revela justamente por ser velado, escapando da completa transparência presente na argumentação (Bingemer, 2014).

Lima Vaz (2000) descreve o termo místico como um tipo elevado de vivência com aspecto religioso ou religioso-filosófico (segundo Plotino), que normalmente ocorre em um plano além da racionalidade, envolvendo as energias psíquicas mais poderosas do indivíduo. Direcionadas pela intenção própria dessa experiência original que aponta para uma realidade transcendental, essas energias elevam o ser humano aos mais elevados níveis de sabedoria e de amor que ele pode alcançar nessa existência.

A espiritualidade está presente nas obras de João Guimarães Rosa, em personagens como Riobaldo, por exemplo, e na próprio Rosa, que se declarava uma pessoa espiritual, de acordo com cartas e entrevistas (Bizzarri e Lorenz) como



mencionado por Rosenfield (2006, p. 147). A maneira imprecisa, apaixonada e espiritual com a qual Rosa se expressa nas entrevistas sobre sua obra esconde semelhanças estilísticas e temáticas com os métodos mais sóbrios e intelectuais de seus antecessores austríacos (Rocha, 2021).

De acordo com Paul Tillich (1985), ele afirma que a fé mística é quando o próprio místico reconhece a separação entre o que é finito e o que é infinito, concordando com uma existência na qual a conexão extasiante com o infinito é algo raro, ou até mesmo impossível. E a pessoa crente só consegue ter fé quando é completamente envolvida por aquilo que a afeta de forma incondicional.

Os textos de Cora, portanto, refletem um universo vivencial, podemos dizer: místico – capturado em palavras que não esgotam, mas enriquecem a construção de significados que agora cabe aos leitores desenvolver. Nessa dinâmica entre revelação e ocultação, surge um espaço fértil para a compreensão do fenômeno da espiritualidade, tanto a partir da vivência da autora quanto das reações provocadas naqueles que a leem. Isso se configura como mais uma forma de aprimoramento espiritual, disponível ao repertório humano na busca de autoconstrução. Dessa forma, é viável discorrer sobre uma mística associada a Cora Coralina ou, de modo mais específico em relação ao que será abordado nas próximas páginas, uma espiritualidade vivencial.

De acordo com Paraizo (2012) à primeira vista, pode-se dizer que a religião tem como principal objetivo nos guiar em direção aos valores essenciais que fortalecem qualquer comunidade, independentemente do tempo, cultura ou princípios da religião em questão. Já a literatura, que atravessa os séculos, fica responsável por transmitir os valores culturais que cada sociedade se encarrega de preservar e perpetuar.

Note-se que, ao iniciar estas linhas, os dois conceitos já se aproximaram. Existem diversos pontos em comum entre as duas áreas. Por exemplo, ambas utilizam a narrativa para expressar sentimentos e a linguagem poética como meio de renovar o poder das palavras. Em outras palavras, tanto no texto religioso quanto na poesia, existe um traço estilístico que os torna, ao mesmo tempo, misteriosos e reveladores, permitindo que sejam repetidos sem perder seu poder. Pelo contrário, renovam-se a cada leitura ou recitação.

A água é um símbolo comum de vida eterna nas Escrituras. Isaías se refere a tirar água das “fontes da salvação” com alegria. O profeta Jeremias, do Antigo



Testamento, repreendeu os israelitas por abandonarem a Deus, “a fonte de água viva”, e por cavarem para si suas próprias cisternas que não podiam reter água. Jesus encorajou a mulher samaritana no poço a tirar d’Ele a água da vida (eterna) para que ela nunca mais tivesse sede em sua vida espiritual. No contexto de Ezequiel 47, a água do rio da vida simboliza a purificação e a cura que Deus traz, enquanto as árvores frutíferas representam a abundância e a prosperidade que Deus concede.

Assim, a pesquisa estabelece uma conexão entre os temas essenciais presentes no próprio título. Sob essa perspectiva, almeja-se refletir sobre o direito à criação mobilizando seu espírito. O fazer artístico, como alternativa, se relaciona com a atividade espiritual, onde está inserida a própria condição de humanização e, em particular, a dimensão mística do nosso tempo, ou como uma das características a serem apreciadas.

Utilizando essa abordagem interpretativa, percebemos as relações sociais no contexto brasileiro nos séculos XIX e XX construídas sob uma visão que revaloriza os interstícios. A partir de uma inserção, especialmente, devido a preconceitos relacionados à sua idade e condição feminina, Cora desenvolveu uma estética dos becos² na qual mulheres e outras minorias, nem sempre numericamente representadas, tornaram-se o foco (Coralina, 1976).

A conexão entre arte e religião é amplamente reconhecida e se manifesta de diversas formas. A religião, como um assunto profundamente humano, desafia o artista, que responde com originalidade, envolvendo sua mente. A prática artística, portanto, também é um exercício espiritual. Neste cenário, encontramos Cora Coralina, que conseguiu interpretar a cultura e o mundo ao seu redor e transformá-los em poesia. Seus escritos transpiram espiritualidade, seja religiosa ou não, nos forçando a vê-la como uma verdadeira mística do nosso tempo. Vejamos:

² No protagonismo das margens explorado pela criação de Cora Coralina, a vida da cidade é narrada a partir das interações ocorridas na Casa Velha da Ponte e nos becos; podemos ver isso claramente na observação que fez na introdução de Poemas dos becos de Goiás ao afirmar que não se tratava de um livro de versos ou poesia, mas sim de “uma maneira peculiar de contar antigas histórias”. Essa escolha estética pode ser percebida na mistura de gêneros presentes nas obras, frequentemente epilíricas ou epilírico-dramáticas, o que levou alguns críticos a considerá-la mais como prosadora do que poetisa. Da mesma forma, o uso da linguagem cotidiana e a abordagem de temas antes relegados ao esquecimento poético representaram um projeto inovador, cuidadosamente definido pela autora (Britto, 2013).



Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.
[...]
Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.
(Cora Coralina, 2014).

Este artigo, então, visa analisar o conto “O Rio da Vida”, presente em “Meu Livro de Cordel” (Coralina, 1976), com a intenção de analisar a dimensão mística que permeia as palavras de Coralina. A categoria de análise do poema será a construção da espiritualidade e espírito humano.

As narrativas revelam-se essencial, como meio de aprimorar as intenções do leitor consoante as do autor, razão pela qual se deve iniciar com a seguinte pergunta: o que aqui se compreende por espiritualidade? Para responder a essas demandas, com novos sentidos e significados, vai ao encontro a voz poética da autora. “A vida é um vale de lágrimas e nós, degradados filhos de Eva. Está numa belíssima oração da igreja, repetida por milhões de angustiados” (Coralina, 1976, p. 73).

Ao longo da história da humanidade, as religiões desempenharam um papel fundamental na transformação das sociedades e na assimilação das diferentes visões de mundo. Elas se tornaram espaços propícios para o desenvolvimento do espírito e da conexão espiritual, recorrendo a diversas formas de expressão criativa. Ao longo dos séculos, as pessoas nutriram não apenas seus corpos, mas também suas almas, por meio de manifestações artísticas como música, pintura, arquitetura, teatro e, principalmente, narrativa.

Para os seres humanos, a linguagem é a principal manifestação de sua dimensão espiritual, como os antigos gregos chamavam de λόγος (lógos). Não somos apenas seres que falam e emitem sons para ordenar a realidade, somos duplamente capazes de criar significados e compartilhá-los com os outros, estabelecendo um ambiente espiritual propício para cada época histórica. Além disso, a condição humana se manifesta em diversas outras facetas, como o ser humano econômico, simbólico, lúdico e criador, incluindo o ser humano religioso. Essa propensão ao transcendente, ao desconhecido



buscado nas tradições religiosas, decorre do fato de que o ser humano é, essencialmente, espiritual (Martins Filho, 2019).

A espiritualidade precede a religiosidade (que envolve a aceitação do sobrenatural como guia na interpretação da natureza) e a religião (que consiste na congregação de indivíduos em torno de uma mesma crença sobrenatural, geralmente resultando em normas morais e rituais). Esta questão tem sido objeto de debate entre historiadores, filósofos, psicólogos, antropólogos, teólogos e cientistas religiosos, pois é cada vez mais evidente o distanciamento do cultivo da espiritualidade em relação à dimensão institucional das religiões em direção a outras esferas (Martins Filho, 2019; Martins Filho; Ecco, 2021).

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e documental com abordagem qualitativa. Frequentemente, empregada em pesquisas de diversas áreas, especialmente nas Ciências Sociais e Humanas, a Análise Documental consiste, na visão de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), como “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. A pesquisa qualitativa, nesse contexto, é fundamental para, de acordo com Minayo (2009, p. 21) “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. A análise qualitativa é marcada pela construção de conceitos, interpretação de fatos, ideias e opiniões, e pela compreensão indutiva ou interpretativa a partir das informações coletadas. Possui natureza exploratória, subjetiva e espontânea, evidenciada pelas técnicas empregadas nesse tipo de estudo, como a observação direta, entrevistas e análise de documentos.

“Um dia, meu barco foi lançado nesse rio-mar da vida” – A lírica das vivências

A escolha do poema de Cora Coralina como objeto de estudo, não se revelou uma tarefa simples. Mesmo que, nos seus poemas ela revele ser “aquela mulher que ficou velha, esquecida, nos teus larguinhos e nos teus becos tristes” (Coralina, 2014, p. 34), essa afirmação está longe de ser comprovada, e a análise aprofundada de sua vida e legado se tornou um exercício de responsabilidade, já que tivemos que reconstituir, a partir das pistas deixadas, uma trajetória que se iniciou entre as cercas vivas de Goiás, seguiu um caminho oposto ao dos bandeirantes paulistas, amadureceu durante o retorno às origens entre pedras e doces, sendo imortalizada na literatura goiana-brasileira. O



fato de ela pertencer aos “Reinos da cidade de Goiás”, foi influenciada na escolha do objeto, somado ao profundo respeito por sua história de vida e pelo legado da poetisa.

Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso. É o que procuro fazer para a geração nova, sempre atenta e enlevada nas estórias, lendas, tradições, sociologia e folclore de nossa terra. Para a gente moça, pois, escrevi este livro de estórias. Sei que serei lida e entendida (Ao Leitor, PBG, p. 25).

No intuito de evitar uma descrição caracterizada pela emotividade, destacamos apenas uma estreita ligação do pesquisador com a obra, a autora e o seu contexto. A voz lírica coralineana responde:

Eu sozinha na margem final. Sentada na pedra do barranco vejo a ronda dos barcos que se vão na corrente da vida e escuto a música do amor que vem de longe. Dos barcos que a correnteza vai levando me acenam lenços brancos de adeus e eu respondo com o cântico solene das gerações (Coralina, 1976, p. 75).

Com base no que foi exposto acerca da dimensão mística que permeia as palavras de Coralina e na construção da espiritualidade e espírito humano. Primeiramente, espiritualidade vem de espírito, do latim *spiritus* ou do grego *πνεῦμα*, que dizer: princípio animador e vital que dá vida aos organismos físicos e transcende a matéria; sopro vital. Firmando coerência com o raciocínio mística, de fato é a vida do espírito, como nos recorda Martins Filho:

As artes, aqui, ocupam outra vez espaço significativo, então para além dos limites da confessionalidade religiosa, como deflagradores de novos sentidos e significados capazes de alimentar a “sede espiritual” dos homens e das mulheres do tempo presente. Aqui, a literatura adquire particular importância, engendrando o movimento humano e reforçando as amarras que ligam as pessoas umas às outras, na variedade das realidades concretas, na multiplicidade dos tempos e espaços, dando sintonia ao específico de cada geração guardada essa compreensão, talvez já se possa estabelecer alguma aproximação entre o universo da espiritualidade e os ditames da mística (Martins Filho, 2022, p. 383).

Na poesia coralineana a voz lírica transcende a mera representação artística e se torna uma ferramenta de conscientização e resistência. Por isso, na esteira de Fernandes, ao tratar da escrita de Cora, no sentido de que ela não apenas descreve o seu mundo, mas também o critica e promove a mudança.



A ligação do nome Cora com a vida, além de lhe ser inerente por emanar de sua própria essência, manifesta-se ao longo dos poemas na alternância infinita vida-morte-vida. Em decorrência, as imagens genesíacas perpassam a obra da criadora de *Meu livro de cordel*, tanto com referência ao existir humano, quanto a origem da poesia, forma de se permanecer no tempo transubstanciado em linguagem (Fernandes, 2009, p. 64).

Cora afirma “Vida... através do tempo, quantos têm procurado sua definição... Sábios, filósofos, psicólogos, socialistas, escritores, poetas, santos e pecadores” (Coralina, 1976, p. 73). Coralina é uma defensora dos direitos humanos, e as suas palavras ecoam não apenas na cozinha, mas também nas esferas mais amplas da sociedade. “Homens de fé e criaturas vazias, cada uma procura e faz valer sua melhor definição. Todos melancolicamente pessimistas” (Coralina, 1976, p. 73). A autora encerra-se no seu núcleo, o mistério de viver, de maneira mais específica, atravessou a espiritualidade vivencial.

Um dia, meu barco foi lançado nesse rio-mar da vida. Eu era jovem e o meu barco, inseguro. Vivi longo tempo calafetando o barco que fazia água. Defendi com denodo o pequeno e pobre barco, vigilante da carga que levava. Num dia de morte meu barco se abriu e me achei sozinha, bracejando na tormenta e a carga sobre mim. Tinha os dentes cerrados e bracejava sempre, vendo apenas na distância uma pequenina estrela verde, apagando, acendendo... Sentia agarrados aos meus cabelos, às minhas orelhas, às minhas espáduas cinco anõezinhos que devia levar a salvo, longe, longe, lutando, lutando, bracejando sempre, sozinha, num mundo indiferente e aflito. Eu era a última? Não (Coralina, 1976, p.74).

A voz poética sugere que, no início do século, ainda na fase da juventude, as inseguranças da vida a alcançaram, porém, isso não a impediu de evoluir no seu tempo. Porém, quando inicia uma jornada metafórica na vida, as imagens telúricas³, são caracterizadas pela alquimia do ser lírico com o rio, em que a linguagem assume um grau metafísico, ao se transubstanciar em palavra e transfigurar-se em poesia.

Para materializar este processo de elevação do ser humano e ao divino, o eu lírico relata como, quando jovem, embarcou na sua jornada (representada pelo barco) na vida, mas estava cheia de incertezas e desafios. Como é natural do humano. Fazendo-

³As representações terrenas vão além da simples descrição orgânica e geológica, transformando-se em temas para a escrita. Não se trata apenas da terra em si, mas sim de questões relacionadas à identidade, à sobrevivência e à promessa distante. Surge, assim, uma experiência poética da terra, abordada aqui sob o prisma da geopoética (Coralina, 1976).



nos rememorar a passagem bíblica em Mateus 8:23 “Jesus entrou no barco e os seus discípulos o seguiram. E eis que se levantou no mar uma grande tempestade, de modo que as ondas cobriam o barco”.

Neste sentido, as imagens bíblicas, decorrência de sua conformação meta-teosófica, assumem no discurso poético coralineana uma dimensão singular, porque, às vezes, transferem a linguagem para o nível do sublime, do divino, em que lavé se torna matéria e substancia de poesia (Fernandes, 2009, p. 69).

Durante muito tempo, o eu lírico se esforçou para consertar o seu frágil barco, representando a busca por estabilidade e segurança, assim como foi à jornada da criadora do conto. Com determinação, protegeu a sua preciosa carga (possivelmente simbolizando responsabilidades ou sonhos) enquanto enfrentava as adversidades. No entanto, um dia, diante da inevitabilidade da morte ou da mudança, seu "barco" se desfez, deixando-a sozinha e lutando em meio a tempestades, com sua carga agora sobre seus ombros. Ela persevera tenazmente, mantendo os olhos fixos em uma pequena estrela distante que simboliza esperança. O eu lírico sente o peso de suas obrigações e desafios, mas persiste, apesar de estar sozinho em um mundo que parece indiferente e repleto de preocupações.

Consoante esta interpretação, o Rio Vermelho, ao refletir em si lua e estrelas, conforma, com elas, imagens urânicas e se torna vertical, do mesmo modo que os morros e os becos. As imagens hídricas, também frequentes na poesia de Cora, têm muito a ver com as urânicas, uma vez que ambas possuem em comum reflexo, a luminosidade. Ora, a luz, ao se irradiar pelos morros e becos, como que insere o ser lírico na esfera do sagrado, do sublime (Fernandes, 2009, p. 58).

Cora Coralina transformou sua própria trajetória em uma narrativa de vida que representou a vida das pessoas simples e frequentemente marginalizadas. Ela aumentou os espaços de vocalização à lavadeira no Rio Vermelho, à mulher do campo, à mulher do povo e à mulher da vida. Sua literatura não apenas descreve o cotidiano, mas também tece vínculos afetivos com sua cidade e os lugares por onde passou. Como uma arqueóloga do passado, que resgata e perpetua a memória histórica de seu entorno por meio da escrita. Sua obra é um ato de resistência, que desafia o silenciamento histórico de cenários e personagens. Ao retornar a Goiás, através da escrita, Cora transforma a cidade em um local de memória, unindo infância e maturidade.

**“Via passar ao meu lado barcos destroçados”: O poema e a reflexão social**

*Via passar ao meu lado, barcos destroçados. Corpos de naufragos, restos de embarcações naufragadas. Crianças abandonadas ao acaso, solitários agarrados a uma tábua, criaturas desanimadas e maldizentes, destroços de vidas despedaçadas, arrastadas nas águas revoltas e sujas desse rio-mar sem fim, e eu bracejava sempre, presos aos meus ombros, agarrados aos meus cabelos, meus anõezinhos.
(Cora Coralina, 1976, p. 75).*

Chegamos, portanto, à terceira fase do artigo, na qual contextualizamos “a espiritualidade vivencial a partir do significado que pode ter para a percepção da própria identidade de quem a vive, no caso de Cora Coralina, como uma espécie de produção narrativa de si, uma espiritualidade-identidade” (Martins Filho, 2022, p. 400). A expressão artística se revela como algo, ao mesmo tempo, amplo e limitado, já que não é destinada a todos e a ninguém simultaneamente.

Essa dualidade que a circunda confere independência ao processo artístico ou literário, desvinculando-o de significado e utilidade universal. Dessa forma, o antigo provérbio de que "a literatura é o espelho da realidade" perde a sua vigência, abrindo espaço para uma nova interpretação. Isso não implica numa desvalorização total desse conceito; em outras palavras, a literatura pode representar a realidade, mas não está obrigada a fazê-lo.

Cora Coralina ficou conhecida como a grande poetisa do povo brasileiro, que soube mesclar lembranças⁴ do passado com a realidade atual para compartilhar as suas vivências (Ricoeur, 2007), relacionadas a acontecimentos do dia a dia através de símbolos poéticos que emprestam um tom lírico às narrativas embasadas na simplicidade, sem abdicar das técnicas estilísticas da poesia. Assim, a obra “Meu Livro de Cordel” é uma obra fascinante de Cora Coralina, que deixou a sua marca na literatura brasileira. A autora apresenta a alma dos rios, das pedras, dos gestos exaustos das

⁴ O pensador da França, Paul Ricoeur, apresentou aos historiadores, por volta dos anos 80, uma relevante reflexão sobre como a história é contada, ganhando destaque nas discussões sobre a narrativa nas últimas três décadas. Ele valorizou a narrativa como o principal meio, cronológico e lógico, de estruturar o tempo na vida humana. Através dela, a trama - diferente da visão atemporal de Aristóteles - dá forma à experiência de viver no mundo. Em sua extensa análise, Ricoeur defende a ideia de uma relação circular entre temporalidade e narratividade (Ricoeur, 2007).



lavadeiras; a simplicidade da vida, do amor e da morte. Ela revela a sua profunda compreensão dos seres humanos, desde os atos mais rotineiros até os atos de heroísmo.

Diante deste contexto, a memória é um dos pilares da contemporaneidade, já que através dela é possível recuperar a história de uma sociedade ou a visão de um autor e seu tempo. Para produzir, o criador se entrega completamente, utilizando sua capacidade de discernimento, suas emoções, sua inteligência, sua perspectiva de mundo e, acima de tudo, sua memória (Ricoeur, 2007).

A memória genuína, ao se manifestar na imagem recordada, traz à tona da mente um momento único, exclusivo, não repetível, irreversível, da existência. É por isso que seu surgimento através da memória não é mecânico, mas evocativo. Tanto sonho quanto poesia são frequentemente feitos dessa substância que permanece oculta nas regiões mais profundas da mente, o que Bergson chamaria de “inconsciente”.

A respeito da consciência, lembramos as palavras de Bosi (1999, p. 52) para explicar que o papel da consciência, quando solicitada a tomar decisões, é principalmente o de captar e escolher, no processo mental, justamente o que não é consciente no momento, trazendo à luz. Portanto, a própria ação da consciência pressupõe a existência do outro, ou seja, a presença de fenômenos e estados subconscientes, que costumam permanecer na penumbra. É exatamente nesse reino de sombras que se encontra o tesouro da memória.

Portanto, é indiscutível a relevância da memória como forma de resgatar e perpetuar o passado, como uma maneira de unir os momentos distantes em uma sequência temporal e as diversas ideias que o indivíduo, principalmente o sujeito contemporâneo, possui sobre si.

Como todo artista, Cora Coralina não cessa de se olhar no espelho, de se indagar, em busca do mistério de si mesma que, no fim de tudo, é o próprio mistério da vida. Ao representar a sociedade, a arte, especialmente, a literatura, não apenas recebe um tratamento estético característico da crítica literária. Cabe citar um dos maiores intelectuais na área da hermenêutica José Severino Croatto, ao falar sobre a mística de Cora, e por meio disso a sua espiritualidade, “narrativas míticas podem apresentar um conjunto de componentes históricos, tratando-se, neste caso, de novelização mítica” (Croatto, 2001, p.209-19).



Ao tratar do papel tanto no presente trabalho quanto em Cora, nesse sentido, ao considerar a herança mencionada pelos teóricos, é possível reconhecer que, não apenas como objeto de análise, mas também nas abordagens distintas que cada uma delas propõe.

Enquanto, a primeira enfoca a subjetividade, o lírico e a arte na totalidade, a segunda direciona o seu olhar para a sociedade, seus fenômenos sócio-culturais e comportamentais: “Crianças abandonadas ao acaso, solitários agarrados a uma tabua, criaturas desanimadas e maldizentes, destroços de vidas despedaçadas, arrastadas nas águas revoltas e sujas desse rio-mar sem fim” (Coralina, 1976, p. 75), ao retratar a sociedade e, conseqüentemente, tornar-se uma das áreas de interesse da sociologia, a literatura desempenha essa função de maneiras diversas.

A convocação do eu-lírico para sua própria terra é evidente, e esse local não é apenas um espaço qualquer, mas sim o lugar que inspira a poetisa. A análise da estrofe progressivamente reconstrói um cenário repleto de características desfavoráveis, conferindo ao poema uma atmosfera sombria, a qual gradualmente se dissipa ao longo da leitura. Os elementos pessimistas, como triste, abandonados ao acaso, solitários, maldizentes, sujas, sombrio e andrajoso, gradualmente cedem lugar a uma nova tonalidade no conto, e por meio disso, a sua coragem de seguir.

De um lado logo saiu um gigante e disse a uma das minhas: vamos fazer nosso barco... eu lhes dei a benção e eles partiram cantando. Veio outro e disse à outra minha: vamos fazer nosso barco... eles partiram sorrindo e eu os abençoei de novo. Depois outro, mais outro: todos se foram felizes e eu lhes dei a grande benção. Por último, uma linda jovem levou o meu gigante. Foram fazer os seus barcos de vida e eu lhes dei a última benção e eles partiram em alegria (Coralina, 1976, p. 75).

O conto “O Rio da vida” incorpora elementos de poesia, geografia, tradições, recordações e a observação persistente de uma mulher sobre a comunidade à qual estava vinculada. Os muros, a população e as vielas da Antiga Goiás se transformam, em determinado momento, numa representação simbólica do confinamento do eu-lírico, que busca incansavelmente expor e libertar-se.

Na obra de Cora Coralina, é visível um vigor poético que aborda diversas questões teóricas contemporâneas. Ela se manifesta contra opressões que oprimem corpos que não são considerados em toda a sua complexidade, ou como sendo úteis,



dóceis e passíveis de domesticação, especialmente em ambientes que restringem as liberdades individuais, como o ambiente doméstico. Mesmo não estando associada diretamente a reivindicações ligadas aos direitos das mulheres ou aos direitos humanos, ela demonstrou uma persistência em sua exploração pessoal do que é ser, viver e confrontar o mundo como mulher e como um corpo subjugado sujeito a conflitos de conhecimento e poder.

Cora Coralina trilhou o seu próprio caminho, mas expressando-o em forma de poesia, pôde compartilhá-lo, ao menos em parte, com uma corrente de outros vivenciadores da existência que vieram depois. Ao se expandir para além de si, reflete de volta na criação de uma nova vida mística, espiritualmente comprometida com o autocuidado e com o cuidado pelo próximo. Sua obra, nesse aspecto, não está desconectada do mundo em que vivia, mas profundamente mergulhada em seus conflitos e desafios, explorados no universo poético e, assim, perpetuados. Vive-se plenamente o momento presente, experimentando-o. Dessa forma, avança-se um pouco mais, transformando-o. A palavra, seja falada ou escrita, se torna uma ferramenta poderosa na transformação de si, assim como daqueles que alcança e impacta.

A partir de uma espiritualidade vivida de forma particular, surgem conseqüentemente diversas manifestações de espiritualidades locais, de práticas místicas, entendidas na possibilidade de ser outro e, assim, ser genuinamente autêntico. Essa é a habilidade do poeta, da qual Cora Coralina participou, em sua multiplicidade – coerente ou simultânea. Todas as vidas se encaixam dentro de si, pois a própria vida passa a ser vista a partir desse movimento transformador.

Considerações Finais

Ao explorar a obra de Cora Coralina sob a perspectiva da mulher que desafiou o sistema patriarcal, recriou sua vida por meio da poesia e empoderou sua linguagem para promover a mudança social. A voz lírica desempenhou o papel de entoadora das vozes. A reveladora de uma supremacia racista, preconceituosa e machista, que relegou para o beco aqueles/as que não se encaixavam em um processo capitalista de “progresso”. Assim, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas não apenas personificou a poetisa Cora Coralina, mas também a “analista social” enraizada na terra, que transformou os becos de sua região no principal retorno de sua produção literária.



Foi ela quem, com delicadeza, deu voz às inadequações de sua terra, abordou as angústias, as mulheres damas, os homens machistas, as crianças abandonadas e a obscuridade da terra. Essa mulher desenhou, nas noventa e três páginas de seu livro “Meu Livro de Cordel”, o mapa silencioso dos habitantes de sua ligação obstinada e profunda com os anônimos poetas nordestinos.

A autora escreve o conto “O Rio da Vida” que, revela a profunda conexão entre arte e religião, demonstrando como essa interação desafia os artistas a expressarem sua espiritualidade de maneira criativa. A obra de Cora Coralina serve como um exemplo notável dessa fusão, pois sua poesia transcende barreiras religiosas e evoca uma espiritualidade universal.

Assim, podemos compreender que, a expressão artística, quando impregnada de significados e valores, se transforma em uma verdadeira prática espiritual, permitindo que os leitores e espectadores reflitam sobre o presente, o futuro e a unidade cósmica que permeia nossa existência. Cora Coralina permanece como uma autêntica mística de nossa era, cujo legado transcende fronteiras religiosas e culturais, inspirando-nos a explorar os mistérios da vida e a espiritualidade através da arte. Sua escrita foi um ato de resistência e inclusão social, resgatando vozes silenciadas. Em um mundo onde as mulheres eram frequentemente marginalizadas e silenciadas, Cora Coralina emerge, destaca-se como uma voz poderosa e inspiradora.

Cora Coralina quebrou paradigmas em relação à idade e à produção artística, desafiando a crença de que a literatura é exclusiva dos mais jovens. Sua poesia é enriquecida pela sabedoria adquirida ao longo dos anos, tornando-a única e autêntica. É relevante ressaltar que a produção de Cora Coralina ultrapassa limites temporais e geográficos. Seus versos e crônicas seguem sendo lidos e admirados por diversas gerações de leitores. Eles abordam questões universais da vivência humana, como amor, esperança, saudade e nostalgia, o que os torna intemporais. A obra de Cora Coralina é uma prova da habilidade da escrita em unir pessoas de diferentes tempos e lugares, estabelecendo uma ligação entre o passado e o presente.

Referências Bibliográficas

ALES BELLO, A. **O sentido do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2018.



BINGEMER, M. C. L. Mística e secularidade: impossível afinidade? **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 12, n. 35, set., p. 851-885, 2014.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRITTO, C. C. **Moinho do tempo**: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Ed. Kelps, 2009.

BRITTO, C. C. A estética dos becos em Cora Coralina ou “Um modo diferente de contar velhas histórias”. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 42, p. 113–127, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2316-40182013000200007>

CORALINA, C. **Meu Livro de cordel**. São Paulo: Cultura, 1976.

CORALINA, C. **Poema dos becos de Goiás e histórias mais**. São Paulo: Global, 2014.

CROATTO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

FERNANDES, J. **Moinho do Tempo**. Goiânia: Ed. Kelps, 2009.

MARTINS FILHO, J. R. F. Sobre o protagonismo laical do catolicismo popular: pistas para reflexão. **REB – Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 78, p. 679-694, 2019.

MARTINS FILHO, J. R. F. **Mística e Espiritualidade vivencial na literatura de Cora Coralina**: múltiplos olhares. Goiânia: Ver. Caminhos, v. 21, p. 380-404, 2022.

MARTINS FILHO, J. R. F.; ECCO, C. Sem religião ou pluralismo religioso: uma leitura introdutória. **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 19, p. 305-324, 2021.

MARTINS FILHO, J. R. F.; ALES BELLO, A. Por uma fenomenologia da religião: entrevista a Angela Ales Bello. **Caminhos**, v. 19, p. 483-496, 2021.

MINAYO, M C S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PARAIZO, M. A. Literatura e religião: traços e laços. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 10, n. 25, p. 8-11, 18 mar. 2012. - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2012v10n25p8

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROSENFELD, K. H. **Desenveredando Rosa**: A obra de J. G. Rosa e outros ensaios. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.



ROCHA, V. S. Um ensaio sobre o finito, o infinito, o tempo e a infância a partir de dois contos de Guimarães Rosa sob a ocular de Paul Tillich. **Annales FAJE**, v. 6, n. 4, 2021. <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4951/4780>.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo-RS, Ano 1, n.1, jul., 2009.

TILLICH, P. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1985.

VAZ, H. C. L. **Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.